

# Diplomacia e Cooperação Militar no Âmbito Multilateral:

## A Conferência dos Exércitos Americanos, História e Perspectiva

Coronel Christian Chateau Magalhaes, Exército do Chile

A CONFERÊNCIA DOS EXÉRCITOS Americanos (CEA) é um órgão militar multilateral que reúne um importante número de exércitos do continente americano e cujo trabalho é orientado para análise, debate e intercâmbio de idéias e experiências relacionadas com matérias de interesse comum no âmbito de defesa. Essa conferência promove a integração e a colaboração entre as instituições armadas da região e contribui, do ponto de vista do pensamento militar, à segurança e ao desenvolvimento democrático dos países-membros.<sup>2</sup>

Além da finalidade mencionada, durante quase cinquenta anos de existência, a CEA constituiu-se em um organismo de frutífera interação profissional entre os militares dos exércitos da América. A CEA promove o diálogo, fomentando a confiança e assentando as bases para o desenvolvimento de processos de cooperação militar que hoje são elementos-chave no apoio aos processos de integração que se desenvolve no continente americano, tanto no âmbito regional como sub-regional.

Com o passar dos anos, a CEA, que pela sua denominação de “conferência” nos leva a pensar em apenas um evento, foi se institucionalizando, implementando uma estrutura de grande alcance e repercussão das decisões tomadas no seu núcleo, resultantes de normas que orientam suas ações e, fundamentalmente, do prestígio alcançado em sua longa trajetória.

Este artigo procura recapitular da forma sintética a história da organização, descrevendo os argumentos que levaram a sua criação, os resultados mais importantes obtidos até hoje e explicar com ênfase as circunstâncias e forma como a CEA se adaptou ao novo panorama estratégico pós-Guerra Fria. Finalmente, a partir de sua situação e atividades atuais, procuraremos projetar uma visão do futuro, delineando algumas propostas para melhorar seu processo, sempre no contexto dos ideais de cooperação que têm guiado suas ações.

*—Esta Organização Militar se converteu na mais antiga e efetiva medida de confiança mútua adotada no âmbito das instituições castrenses no Continente.<sup>1</sup>*

*O presente artigo é uma versão atualizada e adaptada do original “Conferencia de Ejércitos Americanos, Un Instrumento para la Cooperación Militar”, publicado na Revista Memorial del Ejército Nr 467, em janeiro de 2002.*

## Uma Visão Histórica da Organização

**Origem e evolução na época da Guerra Fria.** Harold Klepak, PhD e profundo conhecedor de assuntos latino-americanos, estabelece uma divisão histórica útil ao processo de desenvolvimento da institucionalização do sistema interamericano de segurança.<sup>3</sup> É assim que identifica a “primeira onda” com os acordos e instituições desenvolvidos durante a II Guerra Mundial, os quais estavam destinados a promover e organizar os mecanismos de defesa coletiva, que permitiram resguardar a integridade do território e interesses do continente americano da ameaça armada dos países do eixo.<sup>4</sup> Esta primeira onda engloba um importante número de acordos assinados nas várias reuniões de consulta de Ministros de Relações Exteriores e a criação da Junta Interamericana de Defesa (JID), em 1942, durante a 3ª Reunião de Consulta no Rio de Janeiro.

A assinatura do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, assinado em 1947 na Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e Segurança, realizada em Petrópolis, Brasil, e em seguida a fundação da Organização dos Estados Americanos em 1948, durante a 9ª Conferência Interamericana, realizada em Bogotá, Colômbia, constituem-se para o Dr. Klepak na “segunda onda de instituições.” Neste marco institucional, cujos processos e aplicação não são objetos do presente artigo, desenvolveram-se as relações interamericanas no período compreendido entre a II Guerra Mundial e a primeira década da Guerra Fria.

Já no final da década de 50, o mundo enfrentava um dos períodos de maiores tensões da época, conhecido como a Guerra Fria. As relações internacionais caracterizavam-se por um estado de permanente tensão entre as superpotências e seus respectivos blocos. Nesse período, os antagonistas tomavam decisões destinadas a aumentar suas forças e debilitar as do adversário, sem chegar ao conflito bélico direto entre as partes.<sup>5</sup>

Os EUA se opunham à política de expansão que a Rússia vinha desenvolvendo abertamente desde a II GM. Empregando uma estratégia de contenção político-militar conhecida como a “Doutrina Truman”, os EUA concediam apoio militar, econômico e financeiro aos povos livres que resistiam às investidas de caráter ideológico. Nesse mesmo contexto, os EUA desenvolviam o Plano Marshall para ajudar, financeiramente, a reconstrução da Europa. Esta estratégia de contenção foi reforçada com a implementação da “Doutrina Eisenhower”, que considerava, entre outras políticas, a formação de um bloco de estados anticomunistas em torno dos países socialistas.

Em 1959, o Movimento Comunista Internacional conquistou seu primeiro grande triunfo na América Latina. Fidel Castro, pouco tempo depois de derrotar a ditadura Batista, aderiu à doutrina marxista e estabeleceu com a ajuda econômica, financeira e militar da Rússia o comunismo em Cuba, abrindo uma brecha para o desembarque ideológico na América Central e do Sul.

Diante dessa ameaça à zona de influência imediata dos EUA e, com base nas políticas de Eisenhower, o Presidente John F. Kennedy anunciou, em março de 1961, o ambicioso programa chamado Aliança para o Progresso.

*O Coronel Chateau é Oficial de Estado-Maior. Possui o bacharelado em Ciências Militares, o de Mestre em Planificação e Gestão Estratégica da Academia de Guerra do Exército. Atualmente é Professor Militar de Academia nas áreas de História Militar, Estratégia, Tática e Operações. Além disso, possui o título de Mestre em Estudos de Guerra do Royal Military College, no Canadá. No período de 2000 a 2001, desempenhou as funções de oficial de operações da Secretaria Executiva Permanente do XXIV Ciclo da Conferência e entre 2002 e 2003 desempenhou o cargo de Subsecretário do XXV Ciclo, organizado pelo Exército do Canadá. Desde 2006, trabalha como Chefe do Departamento de Pós-Graduação e Extensão da Academia de Guerra e é docente em matérias de Segurança Regional no Curso de Estado-Maior e em Pensamento Estratégico, Segurança e Defesa nos Programas de Mestre do citado instituto.*



AP

O Presidente John F. Kennedy falando com seu irmão, o Procurador Geral da República, Robert F. Kennedy na Casa Branca (1º de outubro de 1962).

Esse programa enviaria para a América Latina importantes recursos para criar um marco político, social e econômico que permitisse melhorar as condições de vida no continente. *Se obtivesse êxito, a Aliança poderia evitar que outros Estados latino-americanos seguissem o exemplo cubano e caíssem sob a influência da União Soviética.*<sup>6</sup>

Esta iniciativa surgiu no contexto de uma reformulação das políticas de segurança dos EUA, que embora não tivessem mudado de propósito — estratégia de contenção — orientavam sua definição para a ameaça e a forma de enfrentá-la. O governo norte-americano percebeu que a segurança do hemisfério baseada na hipótese de agressão extracontinental já não tinha razão de ser e que agora a ameaça viria do interior, procurando explorar a fraqueza gerada pelo subdesenvolvimento e conseqüente descontentamento social nos países da América Latina.

O que o presidente Kennedy tinha em mente para enfrentar essa nova ameaça era uma estratégia nacional dinâmica, um programa de ação elaborado para derrotar a subversão, onde quer que ela surgisse, e, ainda mais importante, impedir sua instalação. A cooperação das forças armadas dos países americanos na defesa continental no futuro teria que fortalecer a segurança interna e combater as causas que poderiam gerar instabilidade, conflito e insegurança na América.

Nesse contexto histórico e com o propósito de debater assuntos de interesse comum, relacionados à segurança do continente, o Comando do Exército dos Estados Unidos no Caribe (*USARCARIB*), com sede no Panamá, convidou os Comandantes dos Exércitos de países membros da OEA para uma Conferência que se desenvolveu entre 8 e 12 de agosto de 1960, no Forte Amador, Zona do Canal do Panamá.

Como resposta a esse convite, compareceram os Exércitos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. A temática, elaborada pelos anfitriões, visava tratar de assuntos diversos no contexto das funções primárias de comando, com ênfase nos “Programas de Assistência Militar” implementados pelos EUA, em diversos exércitos do Continente.<sup>7</sup> Esta reunião veio a se constituir na primeira versão da Conferência dos Exércitos Americanos.

Nesse mesmo período, criaram-se instâncias semelhantes, de contato castrense, nas outras divisões de defesa como a Conferência Naval Interamericana (CNI) e o Sistema de Cooperação das Forças Aéreas Americanas (SICOFAA).

A esse conjunto de instâncias de contato multilateral, preferencialmente no nível militar, o Doutor Klepak, citado anteriormente, o identifica como a “terceira onda de instituições” do Sistema Interamericano de Segurança.

Nos anos seguintes — 1961, 1962 e 1963 — a Conferência continuou sendo organizada pelo Exército do Caribe em suas instalações no Forte Amador e a continuidade de sua realização permitiu a consolidação de uma metodologia para o desenvolvimento dessas reuniões. Durante esse período, a temática das reuniões foi se diversificando por meio da incorporação de assuntos mais específicos como Informações, Comunicações, Logística e Assuntos Cívicos.

Não obstante, o propósito principal desses eventos continuava sendo a segurança do continente, como ficou demonstrado nas palavras da Mensagem enviada pelo Presidente Kennedy aos Comandantes dos Exércitos das Américas no âmbito da III Versão da Conferência em 1962: *“Nossa segurança coletiva deve estar baseada na força política, econômica, social e militar. Nenhum fator está separado, cada qual é parte importante de uma mesma peça. Nossa reunião continua sendo o acordo histórico da Aliança para o Progresso, assinado em Punta del Este, Uruguai. Os exércitos podem desempenhar um papel produtivo em benefício dos objetivos da aliança, cujo propósito é cortar, pela raiz, o flagelo social e econômico aonde quer que exista, para atender as necessidades básicas dos povos da América. Os recursos humanos e materiais*

*que essa aliança proporciona e a estabilidade social que propicia, contribuirão para fortalecer a segurança do hemisfério ocidental.*<sup>8</sup>

Apenas três meses mais tarde — em outubro de 1962 — aconteceria um dos momentos mais críticos da Guerra Fria, cuja causa foi a crise dos mísseis em Cuba, uma possível III Guerra Mundial, de conseqüências inimagináveis, tendo em vista o desenvolvimento nuclear dos participantes, esteve a ponto de explodir.

Na IV Conferência dos Exércitos Americanos, em 1963, encontramos a origem das primeiras conferências especializadas como as de Inteligência e de Comunicações. Elas surgem diante da necessidade de incorporar ao escopo de ação da organização os especialistas de cada exército nessas áreas, de forma que seus temas pudessem ser tratados de maneira mais profunda e específica. Começa a ampliar-se, assim, o âmbito da participação da organização, iniciando-se a diversificação dos contatos entre os exércitos. Além disso, na área das comunicações, decide-se pela criação do Comitê Permanente de Comunicações Militares Interamericanas.

Com o passar do tempo, a conferência foi adquirindo as características de uma organização, embora aspectos de caráter formal, como a existência de um emblema, de um lema que representasse suas idéias, ainda não existissem. Mais tarde, a redação de um “Projeto de Regulamentação da Condução e Organização da CEA” desenvolvido no contexto dos trabalhos da VI Conferência em 1965, em Lima, Peru, começou a dar um caráter institucional a esse foro militar incipiente nas Américas.

A realização dessa primeira versão, fora dos EUA, foi dissipando um pouco a idéia de que a Conferência só serviria aos interesses da potência continental, como uma plataforma para projetar suas políticas na América Latina.

Não obstante, a temática do VI CEA, orientada para a “cooperação dos Exércitos com as organizações governamentais para a superação da ordem social do povo”, continuava marcando a presença das estratégias de segurança já mencionadas.

Embora a CEA estivesse apenas implicitamente ligada ao sistema interamericano de segurança e seus instrumentos, durante as versões VII, Buenos Aires, em 1966, e VIII, Rio de



AFP

O ex-Presidente do Chile, Ricardo Lagos, posa junto aos Chefes de Exércitos americanos em 26 de novembro de 2001, na Escola Militar de Santiago, antes da inauguração da vigésima quarta Conferência de Exércitos Americanos.

Janeiro, em 1968, os esforços se concentraram em desenvolver uma análise crítica de seu funcionamento e, especialmente, da Junta Interamericana de Defesa. As recomendações desenvolvidas durante esses anos defendiam que os Exércitos, por intermédio de seus respectivos governos, deveriam impulsionar o sistema militar interamericano e sua incorporação na carta da OEA. Considerava-se que a JID deveria constituir-se como organismo especializado da OEA e que as Conferências dos Exércitos, Marinhas e Forças Aéreas fossem auxiliares na formulação de políticas do hemisfério.<sup>9</sup> Apesar de que essas recomendações não tiveram grande acolhida, a incorporação da Junta Interamericana de Defesa, como organismo de observação a partir dessa última conferência, permitiu estabelecer uma ligação de trabalho que perdura até nossos dias.

Até 1969, ano em que foi realizada a IX versão da Conferência no Forte Bragg, nos EUA, ficou decidido que a reunião de comandantes

continuaría a realizar-se anualmente. Não obstante, por razões que não estão suficientemente claras, a X versão só aconteceu em 1973, em Caracas, na Venezuela. Essa interrupção determinaria uma alteração na periodicidade do foro que, a partir de então e até o presente, passou a ter um caráter bianual.

Os arquivos históricos da CEA registram uma continuidade nas Conferências de Comunicação. De acordo com esse registro, em 1970 teria havido a IV Conferência de Comunicações dos Exércitos, cujo maior benefício foi o de criar a Rede Militar Interamericana de Comunicações (RECIM), a qual integraria estações de rádio de todos os exércitos-membros e estaria ligada de forma permanente. Cumpria-se assim um importante projeto definido nas primeiras conferências de comunicação, ligando os exércitos de forma segura e confiável, permitindo aos membros da conferência uma interação mais permanente. O Exército dos EUA assumiria a tarefa de ativar a Estação de Controle da Rede, a fim de

dirigir a operação e o tráfego, a partir de suas instalações no Forte Clayton, Zona do Canal do Panamá. Essa rede, apesar de ter surgido no seio da organização, manteve-se de forma independente durante vários anos, dependendo do Comitê Permanente de Comunicações Militares Interamericanas, entidade que se vinculou à CEA como organização observadora. Em 1989, tanto o Comitê como a Rede passaram a fazer parte da estrutura orgânica da CEA, criando-se o Sistema Integrado de Comunicações da Conferência de Exércitos Americanos. Este sistema junto à Rede Interamericana de Telecomunicações Navais (IANTN) e ao Sistema de Informática e Telecomunicações das Forças Aéreas Americanas (SITFAA), formaria desde 1976, a Rede de Telecomunicações Integrada das Forças Armadas Americanas (RETIFAA). Essas redes funcionam até os dias de hoje demonstrando ser de grande utilidade, especialmente, entre os membros centro-americanos na coordenação de diversos apoios em operações de ajuda em caso de desastres naturais. Tanto o SICOCEA como a RETIFAA realizam exercícios anuais de comunicação conjunta por intermédio de seus diversos meios de ligação.<sup>10</sup>

Na XI versão realizada em 1975 em Montevidéu, no Uruguai, há uma descentralização e algumas Conferências Especializadas elaboram

seus próprios regulamentos. Estes seriam, posteriormente, unificados em um só no processo de modernização do ciclo XXIV.

No final dos anos 70, a organização antevê a necessidade de um organismo que possa coordenar as ações de cooperação decididas em diferentes reuniões, bem como facilitar o intercâmbio que, conforme o avanço das comunicações, deveria ser mais freqüente e transcender as reuniões.

Esta iniciativa concretizou-se de forma efetiva na XVI CEA, organizada pela primeira vez no Chile, marcando, definitivamente, o retorno ao funcionamento permanente e ativo da organização. Foi assim que se constituiu a primeira Secretaria Executiva Permanente, cujas principais funções consistiam em melhorar o contato e a coordenação entre os exércitos, principalmente no período que antecedia a Conferência dos Comandantes. Também assim, foram emitidos os primeiros Boletins Informativos da Organização, dando conta aos exércitos-membros das atividades que se realizavam durante o ciclo. Foi durante esse ciclo que se criaram as bases sobre as quais se assentaria a Conferência Especializada em Ciência e Tecnologia.

Em 1988, durante a XVIII CEA, dá-se início a Conferência Especializada de Assuntos Cívicos, cuja agenda estava voltada para temas de psicologia,

de desabrigados, de refugiados e de defesa civil. Além disso, decidiu-se criar uma Conferência de Sanidade Militar no âmbito da Conferência de Ciência e Tecnologia. A seguir, na XIX CEA, surgiria a idéia de uma conferência especializada na área de logística, a qual seria realizada, pela primeira vez em 1992, no Brasil.

Depois de uma trajetória de 30



Departamento de Defesa

Os comandantes dos exércitos de mais de 17 países do Hemisfério Ocidental assistem a Conferência de Exércitos Americanos (CEA), no quartel-general do Estado-Maior Geral do Exército Argentino em Buenos Aires (2 de novembro de 2005).

anos, a Conferência dos Exércitos Americanos havia diversificado e ampliado consideravelmente a abrangência de sua temática, incluindo as áreas mais importantes de cooperação militar e de segurança no âmbito americano, consolidando-se, desta forma, como foro de intercâmbio e contato multilateral mais importante do continente na esfera militar.

Da mesma forma, a definição de uma finalidade clara, o estabelecimento de uma sólida estrutura institucional, a existência de normas que orientavam suas ações lhe permitiram transcender os limites das reuniões para transformar-se em uma organização institucionalizada, de conhecido prestígio.

**A década de 90, continuidade e alterações no sistema interamericano.** Até o fim dessa década, a CEA operou em um ambiente de absoluta certeza estratégica. Suas conquistas em função da percepção de uma ameaça comum eram bastante específicas e permitiram a manutenção de uma linha de ação que se traduziu, concretamente, na manutenção da temática das conferências de forma inalterada durante quase trinta anos. As profundas mudanças que se desencadearam a partir da queda do muro de Berlim tiveram um efeito imediato na conferência, verificando-se uma alteração na temática a partir da XIX CEA realizada em Washington D.C., em 1991. O tema que deu o nome à conferência denota, claramente, essa mudança, apregoando importantes transformações nos propósitos e ações da organização: “O papel dos Exércitos Americanos na manutenção da democracia no continente ante a abertura ideológica do mundo comunista e as realidades políticas, sociais e econômicas dos países americanos.”<sup>11</sup>

Produtos dessas e de outras transformações, a CEA começaria, paulatinamente, a ampliar o número de seus membros. Em 1993, o Exército do Canadá passava a integrar CEA como membro ativo, em 1999 já organizava uma Conferência especializada — a de Comunicação no XIII ciclo em Kingston, Ontário. Durante os ciclos XIV e XXV registrou-se uma importante inclusão: a de países do Caribe.<sup>12</sup>

Durante a década de 90, a reorientação dos sistemas políticos e econômicos, as mudanças nas relações de poder, o desenvolvimento acelerado de processos de integração e fragmentação, e

o enfraquecimento do Estado Nação, até então o principal ator, foram sendo conjugados com outros processos pré-existentes configurando um novo mundo, não necessariamente ordenado, mas substantivamente diferente daquele que conhecíamos. Além disso, a paz que muitos anunciaram nunca chegou e, ainda que com importantes alterações em suas causas, o conflito continua sendo um aspecto latente no cenário mundial ao iniciar-se o século XXI.

Nesse contexto estratégico, a segurança mundial começou a vivenciar transformações, não apenas conceituais, mas também doutrinárias e organizacionais na busca da paz e do estreito relacionamento com o desenvolvimento de cada nação.

Há um consenso no sentido de que a obtenção da segurança seja, também, um problema multidimensional, que transcende o âmbito militar e alcança dimensões que incorporam aspectos políticos, sociais, econômicos, questões energéticas e ambientais. Conseqüentemente, acredita-se que esta ampliação impõe uma diversificação dos meios para enfrentar os problemas mencionados. Para ser eficaz, o processo deve ser multifuncional, somando-se a isso uma ampla gama de recursos. Barry Bunyan promove novos modelos de segurança global para o século XXI e afirma que a segurança foi afetada pelos principais cinco setores: militar, político, econômico, social e ambiental.<sup>13</sup>

Surge, por outro lado, o conceito de segurança humana, novo enfoque centrado na análise das ameaças e seus efeitos sobre o indivíduo. Esta visão emerge como um conceito-chave, articulador de um mundo em transição. Um reflexo disso é uma maior proliferação de conflitos intra-estatais, produto das desigualdades e carências que afetam o indivíduo. Nessa dimensão, os estados pressionados em algumas oportunidades pela comunidade internacional, começam a preocupar-se com os grandes problemas que afetam sua população.<sup>14</sup>

Os cenários pós-Guerra Fria inauguram nas Américas um período de coincidências, caracterizado pela sustentação das democracias representativas, a progressiva interconexão econômica e a consolidação de um longo período de paz. O continente apresenta uma estabilidade saudável e um clima de distensão em relação a

outras partes do mundo. A vigência generalizada do Tratado Tlatelolco configura uma grande contribuição nesse sentido. Também merece destaque o baixo investimento em armamentos, o que qualifica a região como uma de menores gastos no mundo.<sup>15</sup>

Mesmo assim, a intensificação do diálogo interamericano e os crescentes vínculos políticos têm gerado atitudes cooperativas, obtendo-se vários acordos que procuram evitar, na prática, o uso da força para a solução de controvérsias, inclusive territoriais; a transferência do desenvolvimento de tecnologias, especialmente a nuclear; a proibição de armas de destruição em massa e a busca de entendimentos de toda a ordem.

**O tempo da relativa autonomia militar acabou para dar caminho à majestade das leis nacionais e aos compromissos internacionais. Isto significa que os exércitos devem cooperar de forma ativa e intimamente com as autoridades civis para o desenvolvimento de nossas democracias.**

Não obstante o clima de diálogo e estabilidade, ainda subsistem alguns problemas antigos, acontecimentos que ultrapassam as fronteiras e que se constituem em ameaças, fatores de risco e instabilidade para a região. Às disputas fronteiriças, ativas ou latentes, somam-se ações do narcotráfico, do crime organizado, do tráfico ilegal de armas que associados ao terrorismo e a movimentos guerrilheiros, apresentam-se com intensidades diferentes em determinadas áreas do continente.<sup>16</sup>

A comunidade interamericana está alinhada com as novas orientações de segurança mundial. No continente, a mudança mais importante ocorreu no sistema de segurança, passando-se rapidamente de um sistema coletivo baseado na ofensiva ao inimigo comum, para um sistema de segurança cooperativo, cujo objetivo está na dissimulação das possibilidades de conflito entre

seus membros, através da criação de códigos de confiança que permitam diminuir a percepção de ameaça entre eles, sem frustrar seus legítimos interesses de segurança e desenvolvimento.<sup>17</sup> Apesar da manutenção do potencial de conflito, os Estados estão mais abertos a encontrar soluções. Hermán Patinõ Mayer — primeiro presidente da Comissão Especial de Segurança Hemisférica da OEA, enfatiza que o objetivo principal deste novo sistema é a prevenção: “a diferença entre a segurança coletiva, que prevê respostas à agressão e a sua derrota, a segurança cooperativa aspira a indefinida prevenção da mesma.”<sup>18</sup>

Da mesma forma, presume-se a múltipla dimensão da segurança humana nas análises estratégicas. A declaração de segurança das Américas, de outubro de 2003, reafirma o consenso que existe nos países do hemisfério a respeito dessas novas orientações:

*A nova concepção de segurança no Hemisfério tem alcance multidimensional, inclui as ameaças tradicionais e as novas ameaças, preocupações e outros desafios à segurança dos Estados do Hemisfério e incorpora as prioridades de cada Estado... A segurança se fortalece quando aprofundamos sua dimensão humana. As condições da segurança humana melhoram mediante o pleno respeito à dignidade, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais do indivíduo, bem como na promoção do desenvolvimento econômico e social, na inclusão social, na educação e nas lutas contra a pobreza, a doença e a fome.*<sup>19</sup>

Na dimensão institucional, faz-se lugar à diplomacia de cúpula como a nova forma de diálogo interamericano e, nesse contexto, tanto a cúpula de Presidentes das Américas como as Conferências dos Ministros de Defesa têm como agenda tópicos relacionados com a segurança e defesa. Os tópicos relacionados recebem atenção especial nessas cúpulas: o fomento da democracia como base para o fortalecimento da paz e segurança hemisférica; a construção e fomento de confiança mútua, incluindo a transparência nos gastos de defesa; a cooperação militar em operações de paz e de apoio em casos de calamidades; e a modernização das estruturas de defesa, incrementando a participação de civis e reforçando a subordinação das Forças Armadas ao poder civil.

Além disso, surge, também, como complemento desse novo posicionamento, o conceito de arquitetura flexível, a qual privilegia e promove o desenvolvimento de organizações sub-regionais, já que é preciso considerar as grandes assimetrias existentes no continente e a necessidade de reconhecer essas peculiaridades, sendo cada uma delas atingidas por diferentes ameaças e diferentes interesses. A organização, em nível sub-regional, facilita o consenso e a união de esforços para promover iniciativas.

Nesse cenário de novos paradigmas, o debate interior da CEA começou a reorientar-se e a alinhar-se aos novos posicionamentos. Os temas obrigatórios das Conferências dos Comandantes são um reflexo dessas mudanças: acrescentem-se ao anterior da XIX versão, o do Brasil, em 1993: “O papel dos exércitos na nova ordem mundial, desafios impostos”; o da Argentina em 1995: “Desafios ao Estado-Nação, conseqüências para a segurança continental e seus efeitos sobre os Exércitos Americanos” e o do Equador em 1997: “Participação dos Exércitos no desenvolvimento dos países e ações cooperativas para a segurança e a paz internacional no âmbito de uma sociedade democrática.”<sup>20</sup>

Nesse contexto, também se enfrentam um sem número de tendências que procuram redefinir a função da defesa divorciada do papel das forças armadas por meio da implantação de modelos estruturados, sem considerar as diferenças individuais de cada estado. Procura-se implantar um modelo de defesa baseado na ausência de conflitos interestaduais, com uma visão diferente sobre a importância relativa da ameaça.<sup>21</sup>

Nesse sentido, levando-se em consideração o contexto mundial em vertiginosa evolução e uma dinâmica futura que dificulta cada vez mais os exercícios prospectivos, a análise e discussão profissional realizadas pelos exércitos, no âmbito da organização, têm sido de extraordinária utilidade. Elas têm contribuído para definir, com realismo, os desafios que se apresentam à função de defesa, às forças armadas e aos exércitos em particular, permitindo chegar-se a soluções concretas para assessorar seus respectivos governos sobre assuntos que lhes competem levar adiante e nas iniciativas de sua responsabilidade para otimizar o cumprimento de suas missões.

Apesar de ter-se adaptado a sua agenda temática, a Conferência dos Exércitos Americanos assumiu a necessidade de iniciar um processo de modernização integral que lhe permitisse avaliar sua finalidade, processos e resultados de forma a poder efetuar os reajustes que forem necessários para responder, com mais eficácia, aos desafios mencionados e a outros de caráter estrutural e funcional, impostos pelos novos tempos.

No ano de 1997, em Salinas, no Equador, no âmbito da XXII Conferência de Comandantes, foram estabelecidas as bases do processo de modernização, definindo como obrigatório para a XXIII CEA o tema “A CEA que desejamos para o século XXI.” Os estudos desenvolvidos permitiram que a XXIII Conferência de Comandantes realizada em 1999, em La Paz, na Bolívia, obtivesse importantes acordos para avançar neste processo. O mais importante deles foi a realização das conferências especializadas, reordenadas por afinidade temática, permitindo estruturar uma agenda mais concreta e com menor quantidade de eventos. Essa decisão facilitaria muito a organização e integraria, ainda mais, o trabalho em áreas afins.<sup>22</sup>

O citado estudo continha, além disso, uma série de recomendações de caráter “político” aos exércitos membros, orientando-os a seguir a agenda de segurança democrática, anteriormente mencionada. O segundo parágrafo do ponto C, do citado estudo, representa alguma coisa parecida a um chamado de ordem aos exércitos americanos:

*O tempo da relativa autonomia militar acabou para dar caminho à majestade das leis nacionais e aos compromissos internacionais. Isto significa que os Exércitos devem cooperar de forma ativa e intimamente com as autoridades civis para o desenvolvimento de nossas democracias.*<sup>23</sup>

Sem prejuízo dos avanços para modernizar a organização e a partir de suas deliberações na XXIII CEA, os comandantes resolveram que era necessário aprofundar o processo, incorporando áreas funcionais da organização como a metodologia das conferências e o financiamento. Pelo que ficou decidido, o Exército do Chile, sede da XXIV CEA, deveria continuar e aprofundar o processo de modernização.

**XXIV Ciclo do Chile 2000-2001, um impulso modernizador.** Dessa forma, conforme o mandato dos Comandantes de Exércitos, firmado após 15

anos em La Paz, Bolívia, o Exército do Chile voltava a sediar a Conferência e, conseqüentemente, a organização e funcionamento da Secretaria Executiva Permanente pelo período 2000-2001. O Comandante em Chefe do Exército do Chile, General Ricardo Izurieta Caffarena, assumia a presidência da CEA secundado pelo General Carlos Molina Johnson, como Secretário Geral, e o Coronel Hector Villagra Massera, como Secretário Executivo Permanente. Além disso, numa inédita circunstância, o Exército da Bolívia enviava, em uma comissão de serviço ao Chile, dois oficiais importantes, o Coronel Germán Chopitea Araoz e o Capitão Joege Cadima Paz, que tinham por função transmitir as experiências que o Exército da Bolívia havia acumulado durante o ciclo anterior.

Além disso, o Exército do Chile destinou um grupo importante de oficiais de Estado-Maior e especialistas de outras áreas, além de pessoal auxiliar para formarem a Secretaria Executiva da Conferência, com as missões de: servir de órgão executivo, coordenador e administrativo, executando as medidas previstas em acordos, regulamentos e outros instrumentos e com a finalidade de dar continuidade à CEA, assim como assistir e apoiar aos exércitos-membros no planejamento e execução das conferências especializadas e comitês *ad hoc*, suas correspondentes em função do ciclo.

Ao assumir a sede da XXIV CEA, o Exército do Chile aceitava também o desafio de modernizar o organismo, de sorte que, uma vez instalada em nosso país, a Secretaria Executiva tomava para si o encargo de desenvolver os estudos preliminares para definir seus alcances, determinar os métodos a seguir e estabelecer que era necessário, em primeiro lugar, uma revisão profunda da finalidade da organização, estabelecendo uma clara “linha de ação” e, em segundo lugar, orientar os rumos da organização na direção de objetivos claros e específicos para conferências especializadas e para a Conferência dos Comandantes com vistas ao tratamento e solução de problemas no nível “estratégico”.

Era também preciso modernizar integralmente a metodologia de funcionamento da conferência, de modo a agilizar os processos de análise coletiva, consultas e adoção de acordos, para implementar processos imediatos e simultâneos de interação e de tomada de decisões.

Não menos importante, dada a realidade pressuposta da maioria dos países membros, era a estruturação de um sistema de financiamento que permitisse empregar, da forma mais eficiente possível, os recursos sem enfraquecer a finalidade da organização, incentivando a participação dos exércitos em seus eventos ao invés de inibi-los por causa dos gastos envolvidos, já que se haviam tornado membros.

Os estudos consideraram uma série de experiências e idéias propostas pelos exércitos e complementadas pela SEPCEA, tendo a proposta sido aprovada, por unanimidade, pelos Comandantes de Exércitos que compareceram à XXIV Conferência. Essa proposta foi, posteriormente, implementada pela regulamentação atualizada da organização.

Em geral, a proposta pleiteava que na entrada no novo milênio, a Conferência dos Exércitos Americanos deveria converter-se no foro militar mais importante das Américas, consolidando-se como principal órgão de debate dos aspectos relacionados à defesa do Continente. Deveria, também, suscitar a atenção do mundo acadêmico, pela profundidade de suas análises e consistência de suas conclusões.

Para obter o êxito da proposta acima, sugeriu-se a implementação de uma série de soluções entre as que destacavam uma nova finalidade com mais clareza de interpretação, a qual direcionou a ação futura da CEA para análise, debate e intercâmbio de idéias e experiências em assuntos de interesse mútuo no âmbito da defesa. Isso se realizou no contexto de uma visão coletiva de cooperação e integração de acordo com os governos da região. Da mesma forma, procurou-se definir com maior clareza o marco temático a partir do qual a organização deveria continuar com esses processos.

Coerente com esta nova finalidade estimou-se que a CEA deveria transformar-se em uma organização que, ao invés de constituir-se em uma plataforma de contato, intercâmbio e cooperação entre os exércitos da América, deveria desenvolver um trabalho de investigação, estudo, debate e difusão de assuntos na área da defesa. Realizaram-se por isso, os devidos ajustes no funcionamento da organização e na metodologia das conferências.

Em estreita coerência com o processo de modernização, a organização também visualizou a possibilidade de ligação e transferência de

informações em tempo real, que hoje nos permite a tecnologia, com o propósito de agilizar o processo de gestão. De acordo com essa idéia, se desenvolveu durante o ciclo uma agenda de ação para implementar, de forma definitiva, uma rede pela internet que permitiria agilizar o intercâmbio de informação entre os Exércitos e Integrantes da Conferência.

O sistema foi concebido sobre a base de uma página de acesso público e outra privada, permitindo que a primeira delas colocasse a CEA na rede de informática mundial. Enquanto isso, a página privada passaria informações sobre assuntos específicos da CEA relacionados aos exércitos-membros, observadores e organizações observadoras.

Esta também previu um sistema de correio eletrônico para a comunicação entre os comandantes, especialistas, conhecedores profundos do assunto, oficiais encarregados e membros de comitês, cujo endereço é [www.redcea.org](http://www.redcea.org).

A consolidação dessas possibilidades, durante os últimos seis anos, permitiu agilizar processos de tal forma que já não é mais necessário esperar por reuniões para compartilhar experiências, conduzir debates acadêmicos ou tomar decisões. A conferência desenvolve, atualmente, um contínuo processo de interação, verificando acordos e prestando contas de seus resultados de forma instantânea.

Finalmente, ao término do período, o Exército do Chile trouxe para si a tarefa de organizar e executar a XXIV versão da Conferência de Comandantes, a qual teve como objetivo principal o debate, a análise e o intercâmbio de experiências em relação ao tema: “*Os Exércitos Americanos no marco de Relações Internacionais e Direito Internacional no início do século XXI, incidências na Defesa Nacional,*” para cujos efeitos se colocou em prática



O ex-Presidente do Chile, Ricardo Lagos (direita), conversa com o Comandante-em-Chefe do Exército, Ricardo Izurieta, durante o desfile inaugural da vigésima quarta Conferência de Exércitos Americanos, na Escola Militar de Santiago (26 de novembro de 2001).

a nova metodologia, a qual teve uma excelente acolhida por parte dos comandantes e delegados dos exércitos assistentes.

O êxito alcançado ao término da XXIV Conferência de Comandantes de Exércitos Americanos, a primeira versão do século XXI, refletiu-se nas solicitações e no grande interesse demonstrado pelos exércitos em continuar participando ativamente na organização, a solicitação de incorporação, na qualidade de membros, dos exércitos do México, Suriname e Trinidad e Tobago.

**XXV Ciclo, o Canadá propõe uma nova visão.** A partir de 2002, a força terrestre do Canadá, um dos países mais novos da organização, assume a responsabilidade de ser o anfitrião do XXV Ciclo. Antecipadamente organizou sua Secretaria Permanente em Kingston, província de Ontário, desenvolvendo, como país principalmente anglófono, um grande esforço para iniciar a condução de uma organização, cuja maioria é de língua espanhola. O General Mike Jeffery, Comandante da Força Terrestre, assume como

Presidente, o General Rick Hillier, como Secretário Geral e o Coronel Ian Nicholls, como Secretário Executivo Permanente da Organização. O Exército do Chile envia dois oficiais<sup>24</sup> à Kingston, para dar continuidade à condução da Organização, conforme estabelece o regulamento da CEA.

Dessa forma e utilizando-se como marco de ação, as novas metodologias decididas no XXIV CCEA, a SEPCEA chamou para si o direito de conduzir o novo ciclo no qual desenvolveria o tema: “*Os Exércitos Americanos e sua Contribuição para a Formulação de Políticas de Defesa no Contexto dos Novos Desafios Impostos à Segurança Continental*”.

**A Conferência dos Exércitos Americanos se projeta em direção ao futuro como uma organização moderna em seus processos, flexível em seus propósitos e de grande projeção. Constituir-se-á numa plataforma de interação multilateral, num centro de processos de cooperação militar interamericana no próximo século.**

À luz deste tema obrigatório, se desenvolveram quatro conferências especializadas; a primeira na Colômbia, em 2002 — Conferência de Inteligência, dedicada à “Análise dos Riscos e Ameaças Emergentes” que no momento afetavam a região; depois no Paraguai, no mesmo ano, realizou-se uma conferência para tratar sobre “Economia de Defesa, fator crucial na formulação das Políticas de Defesa e Política Militar.” No ano 2003, a Conferência de Educação, tradicionalmente organizada pelos Exércitos dos EUA, tratou da “Incorporação de matérias relacionadas às novas ameaças e políticas de defesa do sistema de educação militar” e como última conferência do Ciclo, o Exército do Uruguai organizou uma conferência para analisar “As Políticas de Defesa e Política Militar no contexto do atual sistema interamericano de

segurança.” É preciso mencionar que se os temas obrigatórios das conferências especializadas foram muito bem conduzidos, foram, também, criticados por tratarem de temas que transcendiam o nível de competência dos exércitos.

Paralelamente ao funcionamento dessas conferências especializadas, constituiu-se um comitê *ad hoc*, surgido na Conferência de Inteligência que abordou a tarefa de estudar a possibilidade real de estabelecer mecanismos de intercâmbio de inteligência entre os exércitos membros.

Este comitê *ad hoc* foi presidido pelo General Alfredo Swing Pinochet, do Exército do Chile, e esteve integrado pelos delegados desse Exército e pelos do Canadá, Colômbia, Estados Unidos e República Dominicana. O Comitê compilou, analisou e contrastou informação de quase todos os exércitos-membros concluindo que este intercâmbio somente poderia ser implementado por intermédio de acordos bilaterais.

Da mesma forma, continuou-se a desenvolver com ênfase no site WEB da CEA a idéia de se povoar a página privada de informações que, nas diversas áreas de interesse que se derivam do marco temático estabelecido, os exércitos tenham concordado em intercambiar. Também, ampliar o espectro dos usuários em cada um dos Exércitos para que a informação gerada tenha maior valor de uso.

Conforme o mandado da XXIV CEA, o Presidente e o Secretário Geral da Organização procuraram consolidar e ampliar laços de contato e intercâmbio com outras organizações e instâncias do Sistema Interamericano como a JID, o CID, a Secretaria Geral da OEA e a Conferência de Ministros de Defesa (o Presidente assistiu como convidado especial à V Versão da citada reunião, realizada no Chile em novembro de 2002).

Não obstante, o Exército do Canadá e em particular o General Rick Hillier que durante o ciclo trabalhou como Secretário Geral e logo após converteu-se em Presidente, viu como é imperativo elevar a CEA a um plano superior de ação. A sua posição estava baseada na premissa de que a CEA deve entregar aos signatários alguma coisa mais concreta do que um simples relacionamento multilateral ou intercâmbio de informações. Conforme sua percepção, os problemas enfrentados pelo hemisfério requerem

ação coletiva. As condições oferecidas pelo Sistema Interamericano não permitem vislumbrar uma maior integração nos níveis políticos. Os exércitos, a seu juízo, deveriam explorar alternativas de cooperação.

Nesse contexto, os primeiros passos deveriam dar-se na direção dos aspectos comuns que os exércitos têm entre si como assuntos de doutrina, instrução e adestramento, logística, comunicações e inteligência. Dessa forma, poderiam adotar estratégias futuras que permitam alcançar e melhorar os níveis de interação entre os exércitos da América, se é que os governos dos respectivos países decidirão atuar coletivamente para enfrentar determinadas ameaças à segurança do continente.

O General Hillier, acreditava que para avançar nesse rumo, se os comandantes assim o aprovassem, deveria se estabelecer uma “orientação” para que a CEA pudesse perseguir um objetivo de longo prazo. Seguindo essa “orientação” que duraria mais de um ciclo e por intermédio da principal forma de interação de organização que são as conferências especializadas, se realizariam avanços concretos que contribuiriam para a segurança do hemisfério de forma mais prática e participativa por parte dos exércitos-membros.

Dessa forma e concluindo este XXV Ciclo, em setembro de 2003, os comandantes se reuniram em Ottawa, Canadá — pela primeira vez sede de uma Conferência de Comandantes da CEA — para conhecer os trabalhos desenvolvidos durante o ciclo, porém, fundamentalmente, para conhecer e debater as propostas que o presidente da conferência convocara para analisar.

Ao final de interessantes debates e proposições, os comandantes resolveram aprovar a proposta de orientação, definindo mais detalhadamente os tipos de operações nas quais se procuraria identificar aspectos comuns e, conseqüentemente, poder desenvolver uma inter-operação no futuro. Essas seriam as Operações de Paz, de acordo com mandato da ONU e as Operações de Apoio, no caso da ocorrência de desastres. Houve também um acordo em projetar a longo prazo esses objetivos que orientam o trabalho da organização; não obstante resolveu-se avançar de forma cautelosa nesse tema e, só foi dado a ele caráter obrigatório, desde que ao término do período de dois anos, fosse verificada a necessidade de continuar ou não

na mesma linha de ação. Como conseqüência, o tema obrigatório para o XXVI Ciclo ficou assim definido: *A Conferência dos Exércitos Americanos e sua contribuição para a segurança e defesa do hemisfério por intermédio da crescente habilidade de seus membros em trabalhar em conjunto nas operações de manutenção da paz (capítulo 6) e operações de ajuda no caso de desastres, baseados na identificação de aspectos comuns em matéria de doutrina, adestramento, logística, comunicações e inteligência.*<sup>25</sup>

Além disso, para implementar esse tema obrigatório resolveu-se realizar conferências especializadas nas cinco áreas funcionais definidas, implementando-se uma metodologia diferente, orientada para desenvolver estudos que respondam aos objetivos propostos (identificação de aspectos comuns) os quais poderiam desenvolver-se e completar-se ao longo do ciclo sem prejuízo para a data da realização da conferência.

Durante a conferência de Ottawa, os comandantes também aprovaram a incorporação das Forças de Defesa da Guiana e as Forças de Defesa de Belize na organização, na qualidade de Exércitos Observadores, ficando a organização com vinte exércitos-membros, cinco exércitos e duas organizações militares observadoras.

**O XXVI ciclo, a Argentina e a interoperacionalidade em missões de paz.** Em março de 2004, o Chefe de Estado-Maior do Exército Argentino, General Roberto Fernando Bendini, assumiu a presidência da organização. Inicialmente o General Palácios foi designado para a função de Secretário Geral e, a partir do ano 2005, o General Daniel Oscar Camponovo foi nomeado para o referido cargo. O Coronel Ernesto Salvador Canaves assumiu como Secretário Executivo Permanente da Organização.

Dando continuidade à tradição, a Força Terrestre do Canadá enviou o Tenente-Coronel Luis Araújo e o Major Randall Comis para integrarem a SEPCEA em Buenos Aires. De acordo com a orientação proposta em Ottawa, o Exército Argentino fica com a liderança desse novo ciclo que estamos prestes a concluir e assume como principal compromisso a realização de conferências especializadas com metodologias diferentes. Essa situação, obriga os exércitos organizadores, em conjunto com a

SEPECEA, a decidir com bastante antecedência sobre a realização desses estudos que exigiam, por um lado, a participação de todos os exércitos-membros na entrega oportuna de dados precisos e, por outro, conceber e levar adiante complexos processos metodológicos para dar respostas corretas em termos de “aspectos comuns e diversidades”. Esses dados permitiram posteriormente se estabelecer iniciativas adequadas para maximizar os primeiros e minimizar os segundos.

Foi assim que, conforme o plano de atividades da CEA, realizaram-se as seguintes conferências especializadas: Doutrina em San Antônio, Texas, EUA; Logística em Brasília, Brasil, em 2004 e Conferência de Apoio às Catástrofes na República Dominicana, Comunicações nos EUA e Adestramento no Chile, em 2005.

Paralelamente a realização dessas conferências, funcionou um comitê *ad hoc*, integrado pelos Exércitos da Argentina, Brasil, Canadá, Chile, EUA e Uruguai que se encarregou de elaborar uma série de manuais e outros documentos de planejamento a partir dos procedimentos acordados entre os exércitos das organizações.

Em novembro de 2005, o Exército Argentino organizou, em Buenos Aires, a XXVI versão da Conferência dos Exércitos Americanos. Nesse importante evento, realizado pela terceira vez no país, foram apresentadas e aprovadas importantes iniciativas que haviam surgido nas conferências

especializadas do ciclo, cujos principais objetivos eram melhorar o nível de integração das forças em operações de paz e operações de apoio a catástrofes no continente americano.

Nesse sentido, um dos grandes ganhos desse ciclo, produto do trabalho de todas as conferências especializadas, foi a elaboração dos seguintes documentos: Manual de Operações de Paz e Anexos nas diferentes áreas funcionais; Manual de Símbolos e Terminologia; Guia para Oficiais de Ligação; e documentos com os quais se procurou estabelecer linguagem e formas de procedimento em comum nesse tipo de operações quando realizadas por um ou mais de um dos exércitos da CEA, todos tendo como base as normas da ONU.

A área de educação ficou ao encargo do Exército do Chile, cujo maior ganho foi o de ter determinado níveis e conteúdos mínimos comuns para serem considerados nos processos de educação e adestramento em operações de paz realizadas por cada um dos exércitos.

Conseqüentemente, com os ganhos obtidos e como uma forma de consolidar os avanços alcançados no ciclo XXVI, os comandantes resolveram manter a obrigatoriedade do tema com algumas modificações úteis a sua interpretação:

*A CEA e sua contribuição às Operações de Manutenção da Paz (realizadas sob o Mandato da ONU) e Operações de Ajuda em Casos*

*de Desastre, mediante a criação e aplicação de mecanismos e procedimentos que permitam melhorar as habilidades coletivas de seus membros e sua interoperacionalidade.<sup>26</sup>*

Além disso, seria mantida a metodologia no desenvolvimento de estudos comparativos em diversas áreas funcionais com vistas a identificar aspectos comuns que poderiam melhorar os níveis de interoperacionalidade dos exércitos da América em operações já definidas;



O General Peter A. Shoemaker, CEME dos EUA, dá um presente ao General do Exército Venezuelano, Raul Isais Baduel, em 2005.

apesar disso, resolveu-se planejar e realizar exercícios conjuntos que permitiriam validar os procedimentos comuns já estabelecidos.

O Exército Brasileiro conduziria o XXVII ciclo da organização deslocando a SEPCEA e organizando a respectiva Conferência de Comandantes.

O Exército dos EUA organizaria a Conferência Especializada de Procedimentos de Operações de Paz; o Exército Argentino, a conferência Especializada de Ciência e Tecnologia; o Exército da Bolívia, a Conferência Especializada em Educação e Adestramento; o Exército da Venezuela, a Conferência Especializada em Ajuda em casos de Desastres, combinada com um Exercício Simulado sobre o mesmo tema; o Exército de El Salvador, a Conferência Especializada sobre Logística e o Exército do Uruguai, um Exercício de Operações de Manutenção da Paz.

Desde o início de 2006, o Exército do Brasil conduz as atividades do XXVII Ciclo conforme as previsões estabelecidas anteriormente, tendo-se realizado três conferências especializadas conforme as previsões feitas para o primeiro ano do ciclo com a realização dos objetivos definidos.

## **Um Olhar Em Direção Ao Futuro, A Guisa De Conclusão**

Como já foi mencionado, durante a última década, o mundo sofreu profundas transformações que modificaram de modo inquestionável o curso da história e determinaram a formação de um novo sistema de relações com as quais enfrentamos o século XXI. Essas transformações não só causaram um forte impacto na população mundial, afetando sua forma de vida como também deram lugar a inúmeras especulações para explicar as causas do ocorrido e questionamentos sobre o que poderá acontecer após essa dramática mudança de cenário.

Tantas teorias e visões sobre o futuro representam para os seres humanos um verdadeiro desafio no âmbito de suas vidas, em particular as forças armadas das nações, uma vez que estas, estabelecidas sobre o fundamento da paz, propugnam pelo fim do Estado Nação, abolição de instrumentos de defesa e a um

mundo sem fronteiras em que todos os seres humanos alcançarão a felicidade amparados por uma comunidade mundial em completa harmonia. Desde 1991, a realidade dos fatos tem nos mostrado o contrário. A onda de atentados terroristas que, desde setembro de 2001, tem afetado os EUA, Espanha, a Federação Russa, o Reino Unido e tantos outros países indicam, mais uma vez, que a paz é um bem que deve ser preservado dia-a-dia.

Não obstante, as mudanças existem e, além das teorias sobre guerra e paz, são partes da realidade e desenharam um novo panorama estratégico mundial que sem dúvida afeta as relações entre os Estados e as formas como eles se desenvolvem e buscam a segurança necessária para tal. Conseqüentemente, suas forças armadas, ao fim dessa cadeia de acontecimentos, também enfrentam importantes desafios, produtos dessas transformações.

O continente americano, inserido nesse mundo global, tem assimilado mais mudanças positivas do que negativas e é possível dizer que se constitui em uma das áreas do planeta que desfruta dos benefícios de uma paz relativamente estável. A América Latina, em particular, se encontra imersa numa dinâmica de acordos e compromissos internacionais que tem mudado de forma importante, seus padrões de relacionamento e caminha aceleradamente em direção à consolidação de um novo sistema de segurança baseado na cooperação e integração.

Neste cenário, as Forças Armadas Americanas, passaram a se constituir numa das principais ferramentas da construção desses novos sistemas. Como instituições fundamentais do Estado Nação, as Forças Armadas têm sabido desempenhar seus papéis tradicionais ante os desafios apresentados por esse novo panorama estratégico e, nesse contexto, contribuem para consolidação da paz mundial e a construção de mecanismos de confiança e cooperação entre os estados americanos.

Em particular, e como ficará demonstrado pela análise histórica feita anteriormente, a Conferência dos Exércitos Americanos tem se constituído numa instância de relacionamento e conhecimento entre milhares de oficiais pertencentes aos exércitos do continente. A

consolidação dos processos de modernização já explicitados permite antever que essa organização se projeta em direção ao século XXI como protagonista da continuação dos processos de cooperação e integração que se desenvolvem no continente. Esta visão de futuro implica tarefas em duas dimensões:

- *Por uma parte, como organismo especializado no estudo dos temas de segurança e defesa. Seu trabalho de análise da dimensão estratégica de tais assuntos e desenvolvidos de forma conjunta em um amplo espectro de realidades permitirá chegar a conclusões e recomendações importantes para balizar o pensamento militar dos respectivos governos.*

- *Em outra dimensão e conforme a nova orientação estabelecida a partir de 2003, como uma plataforma de trabalho multilateral para o desenvolvimento das habilidades coletivas com vistas à integração – se os respectivos Estados*

*assim acordarem — o cumprimento de tarefas de manutenção de estabilidade e segurança internacional na região ou naquelas de apoio aos seus países em casos de catástrofes.*

Não obstante, esta orientação mais aplicada e produtiva do trabalho, a Conferência dos Exércitos Americanos, deve continuar com sua tarefa histórica, em destaque na citação introdutória, de promover o estabelecimento de laços de cooperação e fomento da confiança, os quais, sem dúvida, têm permitido que o continente americano desfrute de importantes níveis de paz e estabilidade. A Conferência dos Exércitos Americanos se projeta em direção ao futuro como uma organização moderna em seus processos, flexível em seus propósitos e de grande projeção. Constituir-se-á numa plataforma de interação multilateral, num centro de processos de cooperação militar interamericana no próximo século. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. Palavras de abertura do Secretário Geral da XXIV CEA, pelo General Carlos Molina Johnson CARLOS MOLINA JOHNSON do Exército do Chile, na 1ª Conferência Especializada de Ciência, Tecnologia e Comunicações realizada em Caracas, Venezuela, entre 27 e 30 de março de 2001.

2. Regulamento vigente da CEA, na página da organização disponível em <www.redcea.org>

3. KLEPAK, Harold; "Hemispheric Security After the Towers went Down", *Focal Policy Papers*, fevereiro de 2004, pp. 2-3.

4. Estes acordos foram frutos de mecanismos de solidariedade e cooperação que haviam começado a se estruturar na década de 30, no contexto das Conferências Interamericanas, Buenos Aires em 1936 e Lima em 1938, quando surgiu e se ratificou o "princípio de solidariedade continental" que permitiria posteriormente tomar importantes decisões em prol da defesa do continente.

5. A escalada que vinha acontecendo desde 1947 se acentua em 1958, um novo perigo de bloqueio soviético contra Berlim Ocidental se somaram as crises provocadas pelas intervenções dos EUA no Líbano e da Inglaterra na Jordânia, o aumento das hostilidades na Argélia, que tomam forma de uma guerra declarada e a crise de Quemoy-Matzu entre a China Popular e Taiwan no estreito de Formosa.

6. Discurso do Presidente John F. Kennedy ao Senado norte-americano, em 10 de março de 1961, arquivos no site da Fundação John Kennedy, EUA.

7. No dia 10 de outubro de 1951, o Congresso dos EUA aprovou a "Lei de Segurança Mútua", que autorizava ao governo desse país a proporcionar ajuda técnica, econômica e militar às nações amigas no contexto do sistema interamericano de segurança.

8. Relatório Final da III Conferência dos Exércitos Americanos, em 1962, Fuerte Amador, Zona do Canal do Panamá, Arquivo Histórico da CEA, Vol.1, p. 20.

9. Uma idéia avançada para aqueles dias que décadas mais tarde se constituiria em um dos aspectos mais importantes do debate de modernização da JID e que culminaria apenas em 2006, com o estabelecimento de vínculos de trabalho e dependência formais entre esse organismo e a OEA.

10. Para aprofundar os temas vinculados aos Sistemas e Redes de Comunicações desenvolvidos e o âmbito interamericano militar, sugere-se conferir Saavedra, Rene. "El Sistema Integrado de Comunicaciones de la Conferencia de Ejércitos Americanos," *Revista Memorial del Ejército* No. 468 de 2002, pp.137-145.

11. Relatório Final da XIX CCEA, Washington D.C., em 1991, p.5.

12. O ingresso do Canadá ao CEA é parte de uma estratégia de seu estado-maior, procurando incorporar-se às Instituições do Sistema Interamericano com

vistas a influir positivamente nos seus processos de mudança. O Canadá, em sua condição de potência média do continente, começaria a exercer o necessário contrapeso em relação à influência dos EUA na organização.

13. BUZAN, Barry; *People, States and Fear*, Segunda Edição, Lynne Rienner Publishers, Colorado, 1991, p.19.

14. A difusão por parte da ONU do "Índice de Desenvolvimento Humano", que hierarquiza os estados do mundo em função de sua capacidade de proporcionar bem-estar e segurança para seu povo, é uma demonstração disso.

15. Tratado para a Proscrição de Armas Nucleares na América Latina e no Caribe, em 1967.

16. O sistema internacional pós-Guerra Fria, incidências na agenda de segurança do continente, efeitos na função defesa e na estrutura dos papéis dos exércitos americanos. Documento Consolidado do Tema Obrigatório para a XXIV Conferência de Comandantes da CEA, elaborado pela Divisão de Operações da Secretaria Executiva Permanente, setembro de 2001, p.35.

17. O conceito tem sua origem nos trabalhos desenvolvidos por Ashton Carter, William Perry, Wolfgang Reinike e John Steinbrunner, os quais foram ordenados por Janne Noland em seu livro *Global Engagement, Cooperation and Security in the 21st Century*.

18. LÓPEZ, Ernesto; "Existe um sistema sub-regional de segurança?" *Revista FASOC*, Ano 15, No. 4, outubro-dezembro, 2000 p.45.

19. Declaração sobre A Segurança nas Américas, 28 de outubro de 2003. en OEA/Ser.K/XXXVIII, CES/dez.1/03. <www.oas.org>

20. Análise dos temas obrigatórios das Conferências de Comandantes, Anexo N° 1 do Estudo de Modernização, realizado pela XXIV SEPCEA, agosto de 2001.

21. Tema Obrigatório para a XXIV CCEA, Op. Cit., pp. 65-68.

22. O XXIII Ciclo foi inicialmente assumido pelo Exército da República Dominicana, não obstante, o Furação Mitch, que atingiu violentamente a América Central e o Caribe em 1998, obrigou ao Exército desse país a renunciar à presidência do ciclo, assumindo o Exército da Bolívia esta condição a partir de junho de 1999 com a consequente responsabilidade de organizar a Reunião Preparatória e Conferência de Comandantes desse ciclo.

23. A CEA que desejamos para o Século XXI, Proposta Consolidada do Tema Obrigatório para a XXIII Conferência de Comandantes da CEA, elaborado pela Secretaria Executiva Permanente, novembro de 1999, p.4.

24. O autor do presente artigo e o Capitão Luis Celis Álvarez

25. Relatório Final da XXV CCEA, disponível em <www.redcea.org>

26. Relatório Final da XXVI CCEA, disponível em <www.redcea.org>